

O segredo dos generais russos e de Montgomery

Especial para DIRETRIZES

EVARISTO DE MORAES FILHO

NEGAVELMENTE, é o General Montgomery o mais popular dos chefes de guerra da Inglaterra. Mesmo em fotografias de jornal, a sua figura inspira desde logo confiança e simpatia. Um cidadão magro, desajeitado sem pose marcial, quase sempre com uma boina preta enterrada na cabeça. Vê-se à primeira vista que se trata de fato de um cabo de guerra.

Mas, essa modestia de atitudes não é só do general inglês: o é também, e principalmente, dos generais russos. São chefes que nascem do povo, surgem do seu meio, com todas as suas qualidades e defeitos. Tem coração no centro do peito e sangue vermelho que corre nas veias. Deixaram esposas em casa e os filhos que iam à escola, tinham um jardim onde brotavam belas flores, e trabalhavam por um ideal de paz e construção da vida. Mas a guerra lhes foi imposta, e eles começaram a lutar com todas as forças para manter o velho ideal e as antigas condições de existência. Sabem realmente por que lutam, sabem muito bem o que desejam no fim de todos os combates.

É fácil de se imaginar que para esses generais os soldados são irmãos, companheiros de luta e de esperança. Separa-os somente um pouco mais de tec-

nica e de conhecimentos teóricos de estratégia e de tática, mas as responsabilidades de ambos são iguais. A vitória de um é também a vitória de outro a derrota de um é também a derrota de outro. São como que uma alma só em compos diferentes, nada mais.

Por isso, os soldados russos e os do 8.º Exército lutam com a firmeza e o heroísmo de que falam diariamente os telegramas das fontes as mais insuspeitas. Os subalternos entendem a linguagem dos seus guias, colaboram com eles no plano comum, há entre eles uma intensa simpatia humana. Não se enganam os sem galões a respeito das intenções verdadeiras e secretas dos que usam dragonas: são intenções puras de elevação da condição humana, de continuação dessa mesma camaradagem que se tornou necessária nos campos de batalha. Confiam os soldados em seus generais, têm certeza de que não serão fuzilados pelas costas.

Há, de fato, duas maneiras de um exército seguir para a luta, ao encontro do seu inimigo. Ou por fanatismo cego, inconsciente, bestial, cheio de terror e ignorância; ou por livre vontade, com pleno conhecimento do que vai fazer sabendo inteiramente o objetivo a alcançar, quer durante a guerra ou depois dela. Encontram-se, em verdade, neste terreno, duas concepções co-

mundo e da vida de indoles diversas e antagônicas, que não se compreendem e que não se podem confundir.

Na primeira hipótese, movem-se os homens como soldados de chumbo, simples aparelhos mecânicos, de movimentos isocronos, certos, determinados de antemão a ponta de compasso. Até as batidas do coração dos soldados são previstas, so podem respirar tantas vezes, ai deles se infringirem os regulamentos! Devem marchar como "frankensteins", mesmo que a morte os espere inexoravelmente no fim da estrada, ao alcance dos seus olhos. Na vida ou na morte, na vitória ou na derrota, tudo é efetuado automaticamente, como nos bonecos de quinhol.

No outro caso, distribuem os generais os seus planos de batalha entre os soldados. Tornam-se todos, de repente, por este gesto, responsáveis pelo êxito da campanha. Sabem de onde vem e para onde vão. A iniciativa das diversas condições concretas é dividida entre eles, não há mais um carrasco dirigindo duramente os seus destinos. O soldado não é mais um desconhecido, nem um ignorado, passa a ser uma peça conciente na grande engrenagem da guerra, com vida própria e capacidade de derivar alguma coisa de novo do plano geral que lhe deram para executar.

(Continua na pág. 16)

(Continuação da pág. 2)

tar. Tendo pleno conhecimento do que deve fazer, tem ele maior liberdade de ação, e age com alegria.

Essas rápidas observações nos vieram à mente ao ler a notavel ordem do dia do General Montgomery ao 8.º Exército, sem palavras emboladas, nem histerismos ridiculos. Dirige-se ele diretamente aos seus soldados e lhes agradece pelo gigantesco trabalho que vêm realizando até agora. Nada mais simples, à primeira vista, mas que na realidade encerra uma lição de justiça e de compreensão entre comandantes e comandados. Eis um trecho dessa proclamação: "Agora quero expressar a vós, soldados, qualquer que seja a gradação ou ocupação, meu agradecimento pela forma em que respondestes a meus apêlos e minha admiração por vossas esplêndidas qualidades de combatentes. Dúvido que nosso Império tenha possuido alguma outra vez uma magnífica como o 8.º Exército. Tendes feito do seu nome algo admirado por todo o mundo. Agradeço a cada um de vós pelo que tendes feito. Orgulho-me de meu 8.º Exército".

Karamente tivemos oportunidade de ler uma ordem de dia tão espontânea e sincera como esta, brotada de um simples e puro sentimento de gratidão e de justiça. Os generais sosinhos, por mais geniais que sejam, não ganham batalhas, se não tiverem um corpo de tropa entusiasta, que coopere com os seus planos, e

queira de fato, no fundo de seus corações, ganhar a guerra.

Já na antiga Grecia, dizia Sócrates que a simpatia entre discipulos e mestres é o principal veiculo de aprendizagem e de assimilação de conhecimentos. A mesma coisa pode ser dita com respeito aos soldados e aos seus chefes: sem real simpatia e amizade entre um e outros não é possível um bom desempenho na hora da luta. Afinal de contas, o soldado é também um ente humano, um cidadão como outro qualquer, que tem um nome e traz no bolso uma certidão de nascimento. Se alguém planeja para ele o combate compete-lhe executá-lo em todos os seus detalhes. E' um legitimo colaborador, digno de respeito.

Foi esta a lição que Montgomery aprendeu dos russos, muito especialmente de Timoshenko, que costumava conversar com os seus soldados antes de qualquer assalto decisivo. Sabe o grande cabo de guerra das estepes que, se ele idealisa um plano de campanha compete aos soldados realizá-lo. De nada adianta um belo plano perfeito, limpo, sem manchas, se os seus executores não o compreendem e não o levam a bom termo. Estes também são homens, e não "rabots" mecânicos, guam-se por corações e consciências, e não por manivelas ou botões elétricos. O que importa é o ideal que caminha com cada um dos soldados. E disso bem sabem os generais russos e Montgomery. E é neste simples conhecimento que reside todo o segredo de suas vitórias.